

Reencarnar é o Mesmo que Ressuscitar?

“As convicções são inimigas mais perigosas da verdade do que as mentiras”. (Friedrich Nietzsche)

Lemos o artigo que leva o título de “*Reencarnar é o Mesmo que Ressuscitar?*”, assinado por Pr. Joel Santana, e publicado no site CACP, correspondente ao link (<http://www.cacp.org.br/reencarnar-e-o-mesmo-que-ressuscitar/>). Diante de nosso direito inafiançável de resposta, analisaremos o que é exposto e daremos a nossa contra argumentação. Lembramos aos leitores que respondemos a esta obra do pastor “*O Espiritismo Kardecista e suas Incoerências*” e que se encontrará em nossa conclusão o link para baixar toda ela e conhecerem nossa refutação.

10.2. Ressuscitar é o Mesmo que Reencarnar?

Vemos nesta pergunta, uma certa ambiguidade ao subtópico anterior, mas vamos tratar os temas que aqui o pastor vai levantar para nossa fundamentação do conceito da reencarnação nas Escrituras, atreladas à codificação de Kardec. Para tanto, vamos recorrer ao que nos fundamenta o codificador, na obra ***O Evangelho Segundo o Espiritismo*** que trata especificamente em seu capítulo IV, acerca do tema *ninguém poderá ver o reino de Deus se não nascer de novo*. Vejamos o que diz o codificador em sua integralidade do conceito. Vejamos:

Ressurreição e reencarnação

4. A reencarnação fazia parte dos dogmas dos judeus, sob o nome de *ressurreição*. Só os saduceus, cuja crença era a de que tudo acaba com a morte, não acreditavam nisso. As ideias dos judeus sobre esse ponto, como sobre muitos outros, não eram claramente definidas, porque apenas tinham vagas e incompletas noções acerca da alma e da sua ligação com o corpo. Criam eles que um homem que vivera podia reviver, sem saberem precisamente de que maneira o fato poderia dar-se. Designavam pelo termo *ressurreição* o que o Espiritismo, mais judiciosamente, chama *reencarnação*. Com efeito, a *ressurreição* dá ideia de voltar à vida o corpo que já está morto, o que a Ciência demonstra ser materialmente impossível, sobretudo quando os elementos desse corpo já se acham desde muito tempo dispersos e absorvidos. A *reencarnação* é a volta da alma ou Espírito à vida corpórea, mas em outro corpo especialmente formado para ele e que nada tem de comum com o antigo. A palavra *ressurreição* podia assim aplicar-se a Lázaro, mas não a Elias, nem aos outros profetas. Se, portanto, segundo a crença deles, João

Batista era Elias, o corpo de João não podia ser o de Elias, pois que João fora visto criança e seus pais eram conhecidos. João, pois, podia ser Elias *reencarnado*, porém, não *ressuscitado*. (KARDEC. A. 2019d, p. 68)

Como bem observamos ao reconhecer a conceituação de Kardec em reconhecer a ressurreição como dogma dos judeus, entendemos que o Pastor deveria conhecer melhor o judaísmo, antes de afirmar que o Cristianismo não há conceito da reencarnação, uma vez que seu maior propagador foi o Cristo. Vejamos as alegações do pastor:

Disse Allan Kardec: **“Não há, pois, duvidar de que, sob o nome de ressurreição, o princípio da reencarnação era ponto de uma das crenças fundamentais dos judeus, ponto que Jesus e os profetas confirmaram de modo formal; donde se segue que negar a reencarnação é negar as palavras do Cristo. Um dia, porém, suas palavras, quando forem meditadas sem ideias preconcebidas, reconhecer-se-ão autorizadas quanto a esse ponto, bem como em relação a muitos outros”** (**O Evangelho Segundo o Espiritismo**, Federação Espírita Brasileira: 109ª edição, capítulo IV, nº 16, página 89. Grifo meu).

Como bem observamos, o pastor cita uma parte da obra ***O Evangelho Segundo o Espiritismo*** que trata especificamente em seu capítulo IV, acerca do tema *ninguém poderá ver o reino de Deus se não nascer de novo*. Vejamos o que diz o codificador em sua integralidade do conceito, sem cortes. Vejamos:

16. Não há, pois, duvidar de que, sob o nome de ressurreição, o princípio da reencarnação era ponto de uma das crenças fundamentais dos judeus, ponto que Jesus e os profetas confirmaram de modo formal; donde se segue que negar a reencarnação é negar as palavras do Cristo. Um dia, porém, suas palavras, quando forem meditadas sem ideias preconcebidas, reconhecer-se-ão autorizadas quanto a esse ponto, bem como em relação a muitos outros.

17. A essa autoridade, do ponto de vista religioso, se adita, do ponto de vista filosófico, a das provas que resultam da observação dos fatos. Quando se trata de remontar dos efeitos às causas, a reencarnação surge como de necessidade absoluta, como condição inerente à Humanidade; numa palavra: como Lei da Natureza. Pelos seus resultados, ela se evidencia, de modo, por assim dizer, material, da mesma forma que o motor oculto se revela pelo movimento. Só ela pode dizer ao homem *donde ele vem, para onde vai, por que está na Terra*, e justificar todas as anomalias e todas as aparentes injustiças que a vida apresenta.⁸

Sem o princípio da preexistência da alma e da pluralidade das

existências, são ininteligíveis, em sua maioria, as máximas do Evangelho, razão por que não dão lugar a tão contraditórias interpretações. Está nesse princípio a chave que lhes restituirá o sentido verdadeiro.

8 Nota de Allan Kardec: Veja-se, para os desenvolvimentos do dogma da reencarnação, *O livro dos espíritos*, cap. IV e V; *O que é o espiritismo*, cap. II, por Allan Kardec; *Pluralidade das existências*, por Pezzani.

(KARDEC. A. 2019d, p. 72) (grifo nosso)

Como constatamos, este item 16, destacado e citado pelo pastor, está dentro das demais referências do capítulo IV da obra ESE que estamos citando, e Kardec se dedica neste item 16 e 17 omitido pelo pastor, em citações anteriores, às passagens de (Mt 11,12-15; Is 26,19; Jó 14,10-14) concluindo neste capítulo IV que tratam efetivamente do tema da reencarnação nas Escrituras. Observamos que a honestidade não é o lema do pastor, e pinçar citações incompletas de Kardec levam seus leitores ao erro, e ao seu objetivo em tentar refutar o espiritismo, que a partir de agora, ficará mais difícil, diante de nossas abordagens, sem cortes. Vamos dar continuidade as elucubrações do pastor. Vejamos:

A incoerência kardequiana é elevada à terceira potência, a saber, é elevada ao cubo. É incoerência cúbica pelas seguintes razões:

Primeira: Ele se revela incoerente quando, se dizendo cristão, nega a pena eterna, já que o tormento eterno, verdade ou mentira, faz parte do pacote de doutrinas do Cristianismo;

Sobre o tormento eterno, já tratamos anteriormente e como bem o fundamentamos, trata-se de uma má interpretação do Novo Testamento. Ocorre que o pastor crendo no tormento eterno, que segundo ele, sendo verdade ou **mentira**, faz parte do pacote do Cristianismo. Nos salta aos olhos, pois **o pastor admite que o tormento eterno pode ser uma mentira**, mas que mesmo assim, faz parte do pacote dogmático do Cristianismo, ao qual já o refutamos e apresentamos a reencarnação como contraponto a este dogma que está ficando mais no mito, do que em sua veracidade. Recomendamos novamente o nosso artigo [Reencarnação ou Penas Eternas?](#) que certamente fará os leitores a refletirem qual a melhor alternativa, já que o pastor abraça uma opção de que **o tormento eterno pode ser uma mentira, mas ele ainda acredita nesta mentira**. Passemos ao segundo ponto abordado pelo pastor.

Segunda: Ele eleva essa incoerência ao quadrado ou à segunda potência, quando recorre exatamente ao pacote de doutrinas da fé cristã,

isto é, ele recorre à Bíblia, cuja autoridade ele negou até a morte. Isso é como se o réu dissesse ao Juiz: Meritíssimo, tenho uma testemunha desqualificada e indigna que pode provar a minha inocência à Vossa Excelência;

No trato com a Bíblia, entendemos que é um livro histórico e de fé, pois retratam relatos narrados por diversos homens e em diversas épocas diferentes, que certamente irão se contradizer em alguns pontos, não cabendo a nós espíritas defender a inerrância, mas antes buscar o seu conteúdo moral que certamente é o mais importante, principalmente o que Jesus nos apresenta no sermão da montanha. É o que extraímos desta obra e não a rejeitamos, mas não a idolatramos e tentamos defender o indefensável, como já bem o tratamos alhures. Passemos a terceira e última reclamação do pastor. Vejamos:

Terceira: A partir daí, essa incoerência é elevada ao cubo, visto que a testemunha para a qual ele apela, embora depondo contra ele, o infeliz procede como se a dita testemunha estivesse a seu favor. Entenda-o quem puder. Bem, vimos que Kardec concluiu que uma das provas bíblicas de que Jesus era reencarnacionista é o fato de Ele ter pregado a ressurreição. A ressurreição pregada por Jesus, segundo Kardec, difere da reencarnação espírita apenas no nome, ou seja, quando Jesus falava da ressurreição, tinha em mente a reencarnação espírita. Mas, à luz de Mt 22. 30, Jesus afirmou que os ressuscitados não se casarão, o que prova que ressuscitar não é o mesmo que reencarnar. Realmente este versículo prova que quando Jesus falava da ressurreição, Ele não tinha em mente a tão propalada reencarnação. Sim, pois como sabemos, um reencarnado pode, segundo os reencarnacionistas, plantar, colher, comer, beber, casar, gerar filhos, etc.

Nos deparamos mais uma vez com uma citação isolada do pastor (Mt 22,30) em que Jesus trata com os saduceus sobre o tema **a ressurreição dos mortos** (Mt 22,23-30). Ao examinarmos este contexto, temos que observar a quem Jesus estava se referindo, e neste caso, eram aos saduceus que não acreditavam na ressurreição dos mortos, no que diz respeito ao sentido da vida após a morte, pois como bem frisou o Mestre, que **na ressurreição do corpo espiritual, eles seriam como os anjos** (v. 30) não havendo casamento, nem outras formalidades de uma vida encarnada. Em nada este texto é contrário à reencarnação, mas alude à vida espiritual que os saduceus não acreditavam e que Jesus os esclareceu, dentro do contexto, ao qual o pastor não é muito de respeitar. Em contraponto a esta tese dos saduceus, os fariseus já acreditavam na vida após a morte e na reencarnação como ressurgimento de antigos profetas, como já bem o enfatizamos.

Em nosso e-book [A Torá e a Reencarnação](#), temos uma longa introdução que esclarecerá ao pastor e demais leitores o conceito da reencarnação no Judaísmo intertestamentário e que traremos apenas um resumo, diante de tudo o que já temos dito:

Diante de nossa definição da ressurreição dos mortos que o judaísmo tinha como conceito, tal como estamos pesquisando sobre o pensamento do primeiro século da era cristã, definimos da seguinte forma os diversos conceitos judaicos para a ressurreição dos mortos.

- a) Ressurreição dos mortos de um ser que viveu e ressurgiu ainda em sua atual existência, tal como ocorreu com Lázaro, a filha de Jairo e o filho da viúva de Naim. (Jo 11,1-45; Mc 5-22-43; Lc 8,41-56);
- b) Ressurreição como algum profeta pudesse voltar à vida, porém num outro corpo formado, tal como ocorreu nas narrativas comentadas. (Mt 16,13-17; Mc 6,14-15);
- c) Ressurreição no fim dos dias, para o Mundo Vindouro (*Haolam Habá*), tal como defendido por Paulo, que acreditava que viveria em sua época (1Co 15,1-58).

Partindo dessas definições, iremos agora adentrar na análise de onde a ideia da *Gilgul Neshmot* (Rodas das almas) ou *Gilgul Neshmá* (Rodas da personalidade) se iniciou no livro do Êxodo. (FERRARI. T. T. 2021, p. 24)

Fim da citação

Dessa forma convidamos o pastor e demais leitores a conhecerem esta nossa obra que este ano sofreu uma importante revisão. Passemos ao ponto seguinte, propalado pelo pastor. Vejamos:

São muitos os textos bíblicos que negam a reencarnação, sendo Zc. 12:1, uma destas referências. Segundo este texto, o espírito do homem é formado dentro dele. Isto é mais que suficiente para provar que cada corpo tem seu próprio espírito e que este veio à existência, quando o corpo estava em formação, no ventre. Logo, nós não somos seres de outros mundos, que viemos para o planeta Terra num processo evolutivo (expiar imperfeições, reparar erros, angariar novos conhecimentos, etc.), como o ensina o kárdécismo.

Essa novidade nós não sabíamos que existem muitos textos que negam a reencarnação nas Escrituras. O mais conhecido é o trecho de (Hb 9,27) e que o já refutamos. Vamos agora ao texto de (Zc 12,1-14) e examinar seu contexto que tem como tema a **libertação e renovação de Jerusalém**. Será preciso comparar duas traduções diferentes e atestarmos qual o conceito que este texto nos quer passar. Vejamos a [Bíblia de Jerusalém](#) que é uma das melhores traduções ocidentais e a

Bíblia Hebraica, que é mais fiel ao texto hebraico. Vejamos:

Zc 12,1: Proclamação. Palavra de Iahweh sobre Israel. Oráculo de Iahweh, que estendeu o céu e fundou a terra, **que formou o espírito do homem dentro dele**. (Bíblia de Jerusalém. 2002, p. 1679) (grifo nosso)

Zc 12,1: Profecia da palavra do Eterno acerca de Israel: Diz o Eterno, que estendeu os céus, estabeleceu os fundamentos da terra e **forjou no homem seu espírito**: (Bíblia Hebraica, 2012, p. 753) (grifo nosso)

Como podemos observar de uma tradução para outra, a *Bíblia de Jerusalém* dá uma interpretação favorável ao pastor, em dizer que Deus **formou o espírito do homem dentro dele**. Quando comparamos com a *Bíblia Hebraica*, temos outro sentido, de que Deus **forjou no homem seu espírito**, trazendo concepções completamente distintas. Entretanto, será preciso a exegese para a hermenêutica perfeita, pois este texto está se referindo a (Gn 2,7) que diz **que Deus soprou nas narinas de Adão o hálito de vida e que este se tornou alma vivente**. Como podemos observar, diante de traduções tendenciosas, observamos que o Espírito é anterior ao corpo e dessa forma, não foi gerado junto ao seu corpo físico, senão encontraremos conflito em (Jr 1,5) que diz que antes de ser gerado o profeta Jeremias, Deus o conhecia e já o havia consagrado profeta das nações. Apenas esta análise é suficiente para mostrar ao pastor a sua incoerência no trato a reencarnação no Judaísmo.

À luz dos dados acima, Kardec errou quando disse que a ressurreição pregada por Jesus, os profetas e os apóstolos nada mais é que a reencarnação por ele defendida e difundida. Até porque, como já observamos, Kardec se mostra incoerente sempre que apela para a Bíblia, considerando que ele disse repetidas vezes que nela ele não confiava.

Concluimos que Kardec tratou de forma bem respeitosa as suas citações Bíblicas, atreladas as suas reflexões, concomitante às mensagens dos Espíritos na codificação. Observamos que o pastor que se enrolou em suas citações bíblicas, completamente fora do contexto, sem examinar a fundo a codificação, desconhecendo outras fontes de pesquisa e até mesmo o Judaísmo, atropelando a exegese e derrubado a hermenêutica, taxando o Espiritismo de incoerente, onde recai sobre seus próprios argumentos a insígnia que acusa. Passemos ao subtópico seguinte.

10.3. Sangue de Jesus ou Reencarnação?

Esta pergunta é deveras interessante e o pastor passará por duas obras de Kardec para sustentar de que somente o sangue de Jesus é capaz de purificar os

pecados, não necessitando das vidas sucessivas como meio de progresso moral e intelectual, onde ele traçará um paralelo de passagens bíblicas que atestam suas alegações. Vejamos seus argumentos:

Veja abaixo as perguntas 167-170, que Kardec formulou a um “Espírito Superior”, bem como as respostas que o demônio deu:

“167. Qual o fim objetivado com a reencarnação?” “Expição, melhoramento progressivo da Humanidade. Sem isto, onde a justiça?”.

“168. É limitado o número das existências corporais, ou o Espírito reencarna perpetuamente?”! “A cada nova existência, o Espírito dá um passo para diante na senda do progresso. Desde que se ache limpo de todas as impurezas, não tem mais necessidade das provas da vida corporal”.

“169. É invariável o número das encarnações para todos os Espíritos?”. “Não; aquele que caminha depressa, a muitas provas se forra. Todavia, as encarnações sucessivas são sempre muito numerosas, porquanto o progresso é quase infinito”.

“170. O que fica sendo o Espírito depois da sua última encarnação?”. “Espírito bem-aventurado; puro Espírito” (**O Livro dos Espíritos**, Federação Espírita Brasileira: 74ª edição, página 121, nº 167-170).

Esta citação do pastor precisa ser complementada, anteriormente a questão 166 que abre o capítulo IV da obra **O Livro dos Espíritos** que trata da pluralidade das existências. Vejamos a parte omitida pelo pastor e depois nossos comentários:

A reencarnação

166. *Como pode a alma, que não alcançou a perfeição durante a vida corpórea, acabar de depurar-se?*

“Sofrendo a prova de uma nova existência.”

a) *Como realiza essa nova existência? Será pela sua transformação como Espírito?*

“Depurando-se, a alma indubitavelmente experimenta uma transformação, mas para isso necessária lhe é a prova da vida corporal.”

b) *A alma passa então por muitas existências corporais?*

“Sim, todos contamos muitas existências. Os que dizem o contrário pretendem manter-vos na ignorância em que eles próprios se encontram. Esse o desejo deles.”

c) *Parece resultar desse princípio que a alma, depois de haver deixado um corpo, toma outro, ou, então, que reencarna em novo corpo. É assim que se deve entender?*

“Evidentemente.” (KARDEC. A. 2019, p. 123)

Como podemos observar, é preciso introduzi o tema e depois argumentar que a necessidade da reencarnação é inerente a cada um de nós e trata-se de uma lei natural, tal qual Jesus asseverou (Jo 3,12). Percebemos que aderir ao sangue de Jesus como condição necessária para purificação dos pecados e assim assegurar vermos o reino de Deus, colocaria apenas uma população circunscrita do orbe terrestre a ter essa condição, mediante a infinidade de povos que na concepção do pastor, não tiveram a condição de sequer ouvir falar de Jesus.

A reencarnação é universal e inerente a toda a humanidade, colocando-a em pé de igualdade a obtenção das virtudes. Este trecho destacado pelo pastor apenas fundamenta esta nossa tese e particulariza o sangue de Jesus a uma pequena fração da humanidade, onde até mesmo se torna ineficaz, pois ainda esta humanidade crente em Jesus continua com as mesmas limitações morais e intelectuais, fadados a ganharem de graça um progresso que não se esforçaram por merecer, pois não terão tempo de conquistar em apenas uma existência a plenitude do ser, colocando assim, a reencarnação como lei fundamental para se chegar à perfeição, mesmo que a contragosto do pastor, mas que uma lei natural existe, independente de acreditarmos nela, ou não. Vamos as próximas alegações do pastor na sequência.

Kardec continua pronunciando sobre reencarnação:

“Reconheçamos, portanto, em resumo, que só a doutrina da pluralidade das existências explica o que, sem ela, se mantém inexplicável; que é altamente consoladora e conforme à mais rigorosa justiça; que constitui para o homem a âncora de salvação que Deus, por misericórdia, lhe concedeu. **As próprias palavras de Jesus não permitem dúvida a tal respeito.** Eis o que se lê no Evangelho de São João, capítulo III:3. Respondendo a Nicodemos, disse Jesus: Em verdade, em verdade te digo que, se um homem não nascer de novo, não poderá ver o reino de Deus...” (O Livro dos Espíritos, Federação Espírita Brasileira, 74ª edição, capítulo V, página 153. Grifo meu).

Neste instante, o pastor dá um salto na obra *O Livro dos Espíritos*, chegando à primeira parte, ao capítulo V, item 222 em que Kardec faz uma longa reflexão sobre o tema *das vidas sucessivas* e o pastor de forma hábil, só retira do texto que lhe interessa, para detratar o Espiritismo. Entretanto, recomendamos os leitores a pesquisa deste item que por limitação de espaço, nos impede de aqui o reproduzir. Contudo, já analisamos anteriormente o diálogo entre Jesus e Nicodemos (Jo 3,1-21), onde até recomendamos o nosso artigo [O Diálogo entre Jesus e Nicodemos](#) como complementar a nossa análise sobre este tema.

Mediante tudo o que expusemos, realmente Jesus evidenciou as vidas

sucessivas como condição *sine qua non* a angariar as virtudes, representadas pela porta estreita a que todos nós estamos fadados a chegar, através de nosso esforço próprio em conquistar as virtudes através do merecimento, mas não algo sem esforço e gratuitamente que não foi pregado pelo Mestre. Vamos, porquanto, dar continuidade às alegações do pastor. Vejamos:

Das transcrições supra se pode ver que o Kardecismo prega que a âncora da salvação não é o sangue de Jesus, e sim, a reencarnação. Através desta, o espírito vai progredindo intelectual e moralmente até atingir a perfeição. Logo, os kardecistas prescindem do sangue de Cristo. A Bíblia, porém, assevera que só à base do sangue de Jesus dá-se a purificação dos pecados (Mt. 26:28; At.4:12; Rm. 3:25-26; 11:6; Ef. 2: 8-9; 1Jo. 1:7 etc.). Os kardecistas diriam que este meu argumento não os demove, visto que não reconhecem a Bíblia como autoridade. Porém, aí perguntamos: Mas vocês não se consideram cristãos? Se não aceitam a Bíblia, rejeitam o Cristianismo e, portanto, vocês não podem se considerar cristãos. Vocês fizeram um “cristianismo” só para vocês? Vocês possuem um “cristianismo” de propriedade particular? Além disso, se a Bíblia não é confiável, porque Kardec, citando Cristo falando do novo nascimento, e associando isso à reencarnação, afirma que “As próprias palavras de Jesus não permitem dúvida a tal respeito”, como fizemos constar acima? Veja, se a Bíblia não é confiável, não sabemos sequer se Jesus realmente tenha falado a respeito do Novo Nascimento.

Por questão lógica, o sangue de Jesus não é condição de salvação, uma vez que sempre que houve curas dos enfermos no Novo Testamento, efetuadas pelo Cristo, o Mestre sempre atribuiu aos que foram salvos, mas salvos de que? Do inferno, como pensa o pastor? Não, de suas enfermidades e limitações físicas que não corroboram com a tese do pastor que é necessário o sangue do Cristo para esta salvação que observamos. Esta mesma salvação era conquistada através do poder da fé dos enfermos curados pelo Mestre. Lembramos que este processo de cura e cessação das limitações físicas, suspendiam a lei de causa e efeito, bem como outorgava um novo patamar aos enfermos em prosseguir sem as suas chagas.

Outrossim, houve curas morais, como no caso de Zaqueu que por um processo de mudança de conduta, estaria salvo da lei de causa e efeito, uma vez que ele restituiria até quatro vezes a quem houvera prejudicado. Outro fato foi o que ocorreu com a mulher adúltera que pela lei de Moisés, previa apedrejamento até a morte, onde o Mestre interviu no fato e deu sua célebre frase de que “*aquele que estiver sem pecado que atire a primeira pedra*”, ocorrendo em seguida a dissipação da multidão de Judeus, ante a este fato, o não julgamento do Cristo e a recomendação, “*ide e não peques mais*”, a fim de não recair sobre julgamento da lei novamente. São inúmeras as referências dadas

pelo Mestre, acerca do processo de salvação da humanidade e um deles é a mudança de atitude ante nossas imperfeições físicas e morais e não a crença em seu sangue derramado, como condição de mudança de atitude, pois eu posso crer neste sacrifício vicário, mas se não mudar meu comportamento, ante a lei do amor, de nada valerá, já que estarei me comportando ainda de forma equivocada.

Vamos agora comentar os trechos bíblicos, isolados pelo pastor, que continua sua cartilha de pinçar textos para confirmar sua ortodoxia. A começar por (Mt 26,28) que está contido no evento da **santa ceia** (Mt 26,17-30) que existe o fato da transubstanciação, onde o Cristo representa o pão ázimo, o seu corpo e o cálice do vinho, seu próprio sangue que representaria de forma figurada que o seu Evangelho será a condição de salvação para aqueles que praticarem e seguirem seu exemplo, sem a crença literal de simplesmente dar maior credibilidade ao sacrifício do Cristo, mas não seguir seu exemplo. Sobre este tema, desenvolvemos um artigo [Seremos salvos ou teremos que nos salvar?](#) que contém este episódio da transubstanciação ao qual recomendamos o estudo do capítulo 13 deste artigo, da página 45 a 53 que por limitação de espaço não o citaremos aqui nesta obra.

Acerca da pinçada do pastor em (At 4,12) que lhe dá fundamento no quesito de que somente o sangue de Jesus salva, ao observamos todo o contexto de (At 4,1-37) constatamos que há neste contexto é a prisão de Pedro e João pelos sacerdotes do Templo (v. 3), devido a pregação de Jesus e a ressurreição dos mortos (v. 2) O que motivou a Pedro tomar a palavra e dizer que somente sobre o nome de Jesus que há a salvação (v. 12), é pelo simples fato de haverem curado um enfermo de suas limitações de saúde (v. 9) em verso anterior que foi suprimido pelo pastor, mas que estamos argumentando e que entendemos que este enfermo foi curado e salvo da lei de causa e efeito por Pedro, onde afirmou que somente em nome do Cristo que havia tal salvação (v. 12) que tanto indignava os sacerdotes do Templo (v. 17), mas como viram que o homem estava curado, nada podiam fazer (v. 14). Como pudemos observar, em nada há menção ao sangue de Jesus para salvação, mas apenas corroborando ao que temos dito, de que pelo Evangelho de Jesus o seu apóstolo operou a cura e conseqüentemente a salvação do enfermo de suas limitações físicas.

O pastor se vale de outra passagem isolada (Rm 3,26-27) para lhe dar fundamento que somente o sangue de Jesus salva para compor sua cartilha, mas observamos que neste contexto (Rm 3,1-31), Paulo está exortando os cristãos de Roma, que os judeus buscam na lei de Moisés a sua justificação (v. 19), mas Paulo os alude que somente em Cristo é que deve haver a crença no sacrifício verdadeiro e capaz de mudar o conceito de remissão de pecados (vv. 26-27), através da mudança de conduta

conduzida pelo Evangelho, do que pelas obras da lei (v. 28) que sabiamente o pastor omitiu este verso seguinte de seus leitores, a levarem ao erro. Somente este é o objetivo de Paulo, exortar aos judeus que as obras da lei não têm mais nenhuma eficácia na remissão de pecados, e que judeus e gentios são justificados pela fé em Cristo (v. 29). Outro isolamento do pastor se encontra também em (Rm 11,6) e que o exame do contexto (Rm 11,1-36) novamente o entendimento de Paulo é sobre as obras da lei de Moisés que o pastor ignorou todo o entendimento do contexto. Parece-nos que os cristãos em Roma davam muita importância à prática da lei de Moisés e pelo que vemos e constatamos, Paulo os demoveu dessa crença.

Já sobre o texto áureo de Paulo em (Ef 2,8-9) sobre a justificação pela fé, já o esclarecemos no conceito de fé e obras anteriormente e não seremos repetitivos, tática esta utilizada pelo pastor em repetir conceitos para massificar dogmas. Acerca de (1Jo 1,7) também já o comentamos e não julgamos necessário retornar a este tema. Passemos, porquanto a parte final e conclusiva do pastor neste subtópico. Vejamos:

Ora, como ousam fundar uma religião sobre algo tão incerto? E, pior ainda: se é incerto, por que diz então que as “próprias palavras de Jesus não permitem dúvida a tal respeito”? Entenda-o quem puder. Como se toda essa incoerência não bastasse, Kardec registrou que Jesus derramou Seu sangue para nos salvar. Veja a cópia abaixo:

“Paz e Amor! Diante da grande responsabilidade que assumimos para com o nosso Criador, quando nos comprometemos a defender a Doutrina do seu amado Filho, **selada com o seu próprio sangue no cimo do Calvário, para redimir as culpas dos homens**; diante dos compromissos tomados pelo nosso próprio Espírito, certo então de triunfar da carne e suas paixões; de estabelecer na Terra o reino do amor e da fraternidade das criaturas; em face das lutas que crescem dia a dia, mais escabroso tornando o caminho da vossa existência em via de regeneração, elevo o meu pensamento ao Ser dos seres, ao nosso Criador e Pai, e suplico, em nome da caridade divina, que se estendam as asas do seu amado Filho sobre a Terra, colocando-vos à sombra do seu Evangelho — **garantia única** da vossa crença — segura estabilidade da vossa fé!” (**A Prece Segundo o Evangelho**. Federação Espírita Brasileira: 44ª edição, página 24. Grifo meu.).

Como pode alguém afirmar que o sangue de Cristo “redime as culpas dos homens” e, simultaneamente, pregar a reencarnação? É fácil; basta ser kardecista. Isso é facilímo aos kardecistas. Parece difícil, mas os kardecistas conseguem.

Em se tratando de incoerências, temos demonstrado que não é da Doutrina Espírita, mas as próprias citações mutiladas do pastor da codificação espírita, de obras

complementares e isolamento de versículos bíblicos para atestar seus dogmas e detratar o Espiritismo, mas o estamos desatando este nó, a fim de esclarecer aos seus leitores, já que nosso objetivo não é o de demover o pastor de suas crenças, mas de ampliarmos o conceito das Escrituras, à luz da Doutrina Espírita, instruindo aos espíritas, ante ataques gratuitos como este. Vamos agora a uma obra de Kardec que não compõe o corpo da codificação, mas que a julgamos de igual importância, a saber, ***A prece segundo o Evangelho***. Que trata em seu segundo capítulo sobre o *estudo sobre obsessões*, completamente desfigurado pelo pastor, uma vez que isolou completamente um trecho de tal estudo que se estende por vinte páginas, onde não nos permite citar por completo por falta de espaço, mas citaremos apenas uma parte, recomendando, em seguida, aos leitores a meditação deste capítulo da obra citada.

II — ESTUDOS SOBRE OBSESSÕES

Paz e Amor! Diante da grande responsabilidade que assumimos para com o nosso Criador, quando nos comprometemos a defender a Doutrina do seu amado Filho, selada com o seu próprio sangue no cimo do Calvário, para redimir as culpas dos homens; diante dos compromissos tomados pelo nosso próprio Espírito, certo então de triunfar da carne e suas paixões; de estabelecer na Terra o reino do amor e da fraternidade das criaturas; em face das lutas que crescem dia a dia, mais escabroso tornando o caminho da vossa existência em via de regeneração, elevo o meu pensamento ao Ser dos Seres, ao nosso Criador e Pai, e suplico, em nome da caridade divina, que se estendam as asas do seu amado Filho sobre a Terra, colocando-vos à sombra do seu Evangelho — garantia única da vossa crença — segura estabilidade da vossa fé!

Amigos! Ainda há pouco, atravessando com os olhos do Espírito o reinado das trevas, raciocinando sobre os fatos que atormentam a Humanidade constantemente, reconhecíeis a necessidade do perdão das ofensas, de pagar com benefícios os malefícios, de responder ao ódio com o amor, reconhecíeis a necessidade que o homem, revestido de um *Mandatum* tão santo sobre a Terra, tem da virtude e dos altos sentimentos que o nobilitem aos olhos do seu Criador para, desassombrado, empenhar-se na tremenda luta da Luz contra as trevas, em nome do Cristo — o Mestre, o Modelo, o Redentor.

Com efeito, louco seria aquele que, reconhecendo nos sofrimentos alheios a plena execução da justiça de um Deus clemente e misericordioso, tentasse apaziguá-los apenas com palavras — senão vazias de sentido — baldas completamente do sentimento cristão.

Louco seria quem, sem as armas que lhe dão as palavras de Jesus, se entregasse a essa luta inglória, agravando — quem sabe! Os sofrimentos e as dores daqueles por quem se dispõe a lutar.

Compreendeis que vos falo dos obsessos, desses infelizes irmãos que

encontrais a todo momento e que despertam a vossa curiosidade ou os vossos sentimentos.

Falo dessas vítimas de erros e faltas que escapam à vossa percepção e aos quais, olhando-os com olhos piedosos, procurais ministrar a palavra consoladora — o bálsamo santo da caridade divina. [...] (KARDEC. A. 1944, p. 24-25) (grifo nosso)

Como podemos observar, a parte destacada pertence a citação do pastor que tenta abonar o sacrifício vicário, em contraste à reencarnação por ele combatida. Contudo, trata-se justamente em orientações de Kardec no tratamento das obsessões que não tem nada a ver com o teor da citação do pastor, e que nos levou a citar o texto em complemento. Sendo assim, este longo discurso de Kardec trata das obsessões, suas causas, patologias e evangelho terapia para cura desta enfermidade. Em nada depõe contra a codificação a prática do Evangelho, assegurando a reforma íntima e suprimindo efeitos nocivos das más influências espirituais, que através das vidas sucessivas, outorgarão a nossa perfeição! Passemos, ao subtópico seguinte abordado pelo pastor.

10.4. Sobre o Diabo e os Demônios

Já argumentamos anteriormente sobre este tema, onde expusemos a exegese de (Ez 28; Is 14) que são os textos basilares para a crença inicial deste dogma da existência de satanás, como um promotor de acusação da humanidade, eternamente voltado ao mal e que agora se encontra próximo seu julgamento que levará consigo uma boa parcela dos ímpios, sem nunca mais serem perdoados. Este conceito pertence a interpretação literal que o pastor faz destes textos e num exame mais apurado, vamos verificar seu embasamento e dar nossa resposta. Vejamos:

Como os Kardecistas conceituam o Diabo e os demônios? Vejamos:

“Satã, segundo o Espiritismo e a opinião de muitos filósofos cristãos, não é um ser real; é a personificação do Mal, como Saturno era outrora a do Tempo...” (**O Que é o Espiritismo**. Federação Espírita Brasileira: 37ª edição, página 138. Grifo meu).

Esta citação do pastor da obra **O que é o Espiritismo** se encontra no capítulo I que trata da *pequena conferência espírita* em seu terceiro diálogo de Kardec com o *padre* e a reproduziremos na íntegra, por achar conveniente examinar todo o contexto, uma vez que o pastor não é muito fã desse nosso zelo, mas sempre o fazemos para sermos honestos com a codificação e com nossas análises. Vejamos:

Padre. — O Evangelho ensina que o anjo das trevas, ou Satã, se transforma em anjo de luz para seduzir os homens.

A. K. — **Satã, segundo o Espiritismo e a opinião de muitos filósofos cristãos, não é um ser real; é a personificação do mal, como Saturno era outrora a do tempo.** A Igreja apegar-se à letra dessa figura alegórica; é uma questão de opinião que eu não discutirei.

Admitamos, por um instante, que Satã seja um ser real; a Igreja, à força de exagerar seu poder, tendo em vista intimidar, chega a um resultado totalmente contrário, isto é, à destruição, não somente do medo, mas também da crença em tal personagem, segundo o provérbio: “Quem muito quer provar, nada prova.” Ela o representa como eminentemente fino, sagaz e artiloso, mas, na questão do Espiritismo, fá-lo desempenhar o papel de louco ou de tolo.

Uma vez que seu fim é alimentar de vítimas o inferno e arrebatam almas do poder de Deus, compreende-se que se dirija àqueles que estão no bem para induzi-los ao mal, e, para tal fim, se veja obrigado a transformar-se, segundo belíssima alegoria, em anjo de luz, isto é, que ele hipocritamente simule a virtude, mas que deixe escapar aqueles que já estavam em suas redes, é o que não se pode compreender.

Os que não admitem Deus nem a alma, que desprezam a prece e vivem mergulhados no vício, são dele, quanto é possível ser-se; nada mais lhes resta fazer para sepultá-los no lamaçal; ora, excitá-los a voltar a Deus, a orar, a submeter-se à vontade do Criador, animá-los a renunciar ao mal, mostrando-lhes a felicidade dos escolhidos e a triste sorte que aguarda os maus, seria ato de um simplório, mais estúpido que o de dar liberdade a aves que estejam numa gaiola, com o pensamento de apanhá-las de novo.

Há, pois, na doutrina da comunicação exclusiva dos demônios uma contradição que fere todo homem sensato; nunca se persuadirá alguém que os Espíritos que reconduzem a Deus aqueles que o renegavam, ao bem os que praticavam o mal; que consolam os aflitos, dão força e coragem aos fracos; que, pela sublimidade de seus ensinamentos, elevam a alma acima da vida material, sejam auxiliares de Satã, e que, por este motivo, se deva interdizer-nos qualquer relação com o Mundo Invisível. (KARDEC. A. 2019g, p. 112-113) (grifo nosso)

Pela força do argumento de Kardec inibiu o pastor em citar todo o seu contexto, resolvendo apenas citar uma frase, a fim de que corroborasse sua crença em um ser designado ao mal eternamente, medindo forças com o Criador e arrebanhando almas para o inferno. Esta crença a cada dia que passa está entrando em desuso e alimentá-las só cria ainda mais incredulidade no meio cristão. Dessa forma, fazemos coro com Kardec que diz: *segundo o provérbio: “Quem muito quer provar, nada prova.”* Passemos ao ponto seguinte:

“Há demônios, no sentido que se dá a esta palavra?”

“Se houvesse demônios, seriam obra de Deus. Mas, porventura, Deus seria justo e bom se houvesse criado seres destinados eternamente ao mal e a permanecerem eternamente desgraçados? Se há demônios, eles se encontram no mundo inferior em que habitais e em outros semelhantes. **São esses homens hipócritas que fazem de um Deus justo um Deus mau e vingativo** e que julgam agradá-lo por meio das abominações que praticam em seu nome” (**O Livro dos Espíritos**. Federação Espírita Brasileira: primeira parte, capítulo I, 76ª edição, nº 131, página 100. Grifo meu).

Esta é a pergunta 131 da obra ***O Livro dos Espíritos*** e está contida no capítulo da primeira parte que trata do tema Deus que não vimos o pastor tentar refutar este conceito que para nós é a melhor representação da definição de Deus e seus atributos, dentro da nossa atual capacidade em compreender o grande arquiteto do universo. O que o pastor esqueceu de citar, se é que esqueceu, é justamente o comentário de Kardec a esta resposta dos espíritos, ao qual iremos reproduzi-la para os leitores conhecerem o pensamento do codificador. Vejamos:

A palavra *demônio* não implica a ideia de Espírito mau, senão na sua acepção moderna, porquanto o termo grego *daïmon*, donde ela derivou, significa *gênio, inteligência* e se aplicava aos seres incorpóreos, bons ou maus, indistintamente.

Por demônios, segundo a acepção vulgar da palavra, se entendem seres essencialmente malfazejos. Como todas as coisas, eles teriam sido criados por Deus. Ora, Deus, que é soberanamente justo e bom, não pode ter criado seres prepostos, por sua natureza, ao mal e condenados por toda a eternidade. Se não fossem obra de Deus, existiriam, como Ele, desde toda a eternidade, ou então haveria muitas potências soberanas.

A primeira condição de toda doutrina e ser lógica. Ora, a dos demônios, no sentido absoluto, falta esta base essencial. Concebe-se que povos atrasados, os quais, por desconhecerem os atributos de Deus, admitem em suas crenças divindades maléficas, também admitam demônios; mas é ilógico e contraditório que quem faz da bondade um dos atributos essenciais de Deus suponha haver Ele criado seres destinados ao mal e a praticá-lo perpetuamente, porque isso equivale a lhe negar a bondade. Os partidários dos demônios se apoiam nas palavras do Cristo. Não seremos nós quem conteste a autoridade de seus ensinamentos, que desejáramos ver mais no coração do que na boca dos homens; porém estarão aqueles partidários certos do sentido que Ele dava a esse vocábulo? Não é sabido que a forma alegórica constitui um dos caracteres distintivos da sua linguagem?

Dever-se-á tomar ao pé da letra tudo o que o Evangelho contém?

Não precisamos de outra prova além da que nos fornece esta passagem: “Logo após esses dias de aflição, o Sol escurecera e a Lua não mais dará sua luz, as estrelas cairão do céu e as potências do céu se abalarão. Em verdade vos digo que esta geração não passara, sem que todas estas coisas se tenham cumprido” (Mateus, 24:29 e 34).

Não temos visto a Ciência contraditar a *forma* do texto bíblico, no tocante a Criação e ao movimento da Terra? Não se dará o mesmo com algumas figuras de que se serviu o Cristo, que tinha de falar de acordo com os tempos e os lugares? Não é possível que Ele haja dito conscientemente uma falsidade. Assim, pois, se nas suas palavras há coisas que parecem chocar a razão, é que não as compreendemos bem, ou as interpretamos mal.

Os homens fizeram com os demônios o que fizeram com os anjos. Como acreditaram na existência de seres perfeitos desde toda a eternidade, tomaram os Espíritos inferiores por seres perpetuamente maus. **Por demônios se devem entender os Espíritos impuros, que muitas vezes não valem mais do que as entidades designadas por esse nome, mas com a diferença de ser transitório o estado deles. São Espíritos imperfeitos, que se rebelam contra as provas que lhes tocam e que, por isso, as sofrem mais longamente, porém, que, a seu turno, chegarão a sair daquele estado, quando o quiserem.** Poder-se-ia, pois, aceitar o termo *demônio* com esta restrição. Como o entendem atualmente, dando-se-lhe um sentido exclusivo, ele induziria em erro, com o fazer crer na existência de seres especiais criados para o mal.

Satanás é evidentemente a personificação do mal sob forma alegórica, visto não se pode admitir que exista um ser mau a lutar, como de potência a potência, com a Divindade e cuja única preocupação consistisse em lhe contrariar os desígnios. Como precisa de figuras e imagens que lhe impressionem a imaginação, o homem pintou os seres incorpóreos sob uma forma material, com atributos que lembram as qualidades ou os defeitos humanos. E assim que os antigos, querendo personificar o Tempo, o pintaram com a figura de um velho munido de uma foice e uma ampulheta. Representá-lo pela figura de um mancebo fora contrassenso.

O mesmo se verifica com as alegorias da fortuna, da verdade etc.

Os modernos representaram os anjos, os puros Espíritos, por uma figura radiosa, de asas brancas, emblema da pureza; e Satanás com chifres, garras e os atributos da animalidade, emblema das paixões vis. O vulgo, que toma as coisas ao pé da letra, viu nesses emblemas individualidades reais, como vira outrora Saturno na alegoria do Tempo. (KARDEC. A. 2019e, p. 103-104) (grifo nosso)

Como podemos observar a parte destacada do pastor, ante a resposta dos espíritos a questão 131 da obra citada, deu a entender que todos os encarnados que acreditam nos demônios se tornasse um de vias de fato. Contudo, após exame do que

Kardec desenvolve em seu raciocínio a esta resposta, entendemos que todos os encarnados e desencarnados que desempenham um papel de irem contra a lei de amor do Pai, se caracterizam por serem tais demônios, na acepção da palavra dentro do contexto. Outrossim, é preciso conceituar o grego para compreender que a palavra *daimon* poderia significar, em sua etimologia, ao gênio do bem e do mal, onde somente com o Cristianismo que esta conotação passou a ser exclusivamente do mal, como bem pontuou Kardec, e o pastor de forma inábil, omitiu de seus leitores que deverão fazer juízo de valor, diante do contexto apresentado. Com isso, vamos ao ponto seguinte abordado pelo pastor.

“... os demônios... são... as almas dos homens perversos, que ainda se não despojaram dos instintos materiais...” (**O Evangelho Segundo o Espiritismo**. Federação Espírita Brasileira: 112ª edição, capítulo XII, nº 6, página 201. Grifo meu).

Esta terceira e última citação do pastor se encontra na obra **O Evangelho Segundo o Espiritismo**, no capítulo XII que trata do interessante tema *amai os vossos inimigos*, contido dentro do item 6 que reproduziremos na íntegra, a fim de desatar o último nó interpretativo do pastor. Vejamos:

Os inimigos desencarnados

[...]

6. Pode-se, portanto, contar inimigos assim entre os encarnados, como entre os desencarnados. Os inimigos do mundo invisível manifestam sua malevolência pelas obsessões e subjugações com que tanta gente se vê a braços e que representam um gênero de provações, as quais, como as outras, concorrem para o adiantamento do ser, que, por isso, as deve receber com resignação e como consequência da natureza inferior do globo terrestre. Se não houvesse homens maus na Terra, não haveria Espíritos maus ao seu derredor. Se, conseguintemente, se deve usar de benevolência com os inimigos encarnados, do mesmo modo se deve proceder com relação aos que se acham desencarnados.

Outrora, sacrificavam-se vítimas sangrentas para aplacar os deuses infernais, que não eram senão os maus Espíritos. Aos deuses infernais sucederam os demônios, que são a mesma coisa. O Espiritismo demonstra que esses **demônios mais não são do que as almas dos homens perversos, que ainda se não despojaram dos instintos materiais; que ninguém logra aplacá-los, senão mediante o sacrifício do ódio existente, isto é, pela caridade**; que esta não tem por efeito, unicamente, impedi-los de praticar o mal, e sim também o de os reconduzir ao caminho do bem e de contribuir para a salvação deles. É assim que o mandamento: *Amai os vossos inimigos* não se circunscreve

ao âmbito acanhado da Terra e da vida presente; antes, faz parte da grande lei da solidariedade e da fraternidade universais. (KARDEC. A. 2019d, p. 168-169) (grifo nosso)

A parte ao qual destacamos nesse item 6 da obra citada, remete a frase inicialmente destacada do pastor. Como podemos observar, ela está contida dentro de um contexto de uma máxima do Cristo de *amar os vossos inimigos*. Se o Mestre nos recomenda a amar nossos inimigos, estes não se circunscrevem apenas a um mandamento de encarnado para encarnado, mas sobretudo de encarnado para desencarnado que é o objetivo da reflexão de Kardec, que o pastor cita apenas uma frase. Como podemos observar, o pastor certamente deve pregar este conceito e uma vez que em sua concepção satanás é o inimigo do homem, como regra, deveríamos perdoá-lo, afinal Jesus nos recomenda a retribuir o mal com o bem. Contudo, na cabeça do pastor, deverá dar um nó, pois satanás será sempre o inimigo de Deus perpetrado ao mal para toda eternidade e por isso, sem perdão. Entretanto, a máxima do Cristo evidencia que a única maneira de extirpar o mal é retribuí-lo com o bem, como bem pontuou Kardec e o pastor não o cita completamente para não o colocar numa situação sem resposta. Vamos as considerações finais do pastor:

Das transcrições supra se pode ver nitidamente que o Kardecismo sustenta que o Diabo e os demônios não existem. O Diabo seria “a personificação do Mal”; e os demônios, “as almas dos homens perversos”, ou seja, espíritos ainda maus, quer encarnados, quer desencarnados. Kardec acreditava, pois, que os demônios nada mais são que “esses homens hipócritas que fazem de um Deus justo um Deus mau e vingativo...”. Isso significa que após negar a existência do Diabo e dos demônios, Kardec ironiza os que creem na existência dos demônios, dizendo que são estes os verdadeiros demônios.

Precisamos destacar a frase do pastor “*Kardec acreditava, pois, que os demônios nada mais são que “esses homens hipócritas que fazem de um Deus justo um Deus mau e vingativo...”* que por desconhecer a fonte com precisão, coloca como fala de Kardec, mas se esquece que é a resposta de um espírito a questão 131 da obra *O Livro dos Espíritos*. Este descuido prova que o pastor não estudou a contento a codificação e saiu pinçando frases isoladas, atribuindo todas elas a Kardec. Como observamos, Kardec faz uma reflexão após esta resposta dada pelos espíritos, corroborando nossa tese, em destaque que **“Por demônios se devem entender os Espíritos impuros, que muitas vezes não valem mais do que as entidades designadas por esse nome, mas com a diferença de ser transitório o estado deles. São Espíritos imperfeitos, que se rebelam contra as provas que lhes tocam e que,**

por isso, as sofrem mais longamente, porém, que, a seu turno, chegarão a sair daquele estado, quando o quiserem", como bem pontuamos na segunda citação do pastor completamente desconexa. Como podemos observar, falta bom senso ao pastor e sobra muita incoerência no trato com a Doutrina Espírita. Passemos a sua conclusão. Vejamos:

Esta minha interpretação não está errada não. Veja que Kardec afirmou com todas as letras que se os demônios existissem e estivessem fadados a serem desgraçados eternamente, então Deus não seria bom. Kardec pergunta: "Deus seria justo e bom se houvera criado seres destinados eternamente ao mal e a permanecerem eternamente desgraçados?". Ato contínuo ele diz que os que fazem de um Deus justo um Deus mau e vingativo são os reais demônios. Em outras palavras: O Diabo e demônios são aqueles que pregam que eles existem.

Como podemos observar mais uma vez, o pastor diz: *Kardec pergunta: "Deus seria justo e bom se houvera criado seres destinados eternamente ao mal e a permanecerem eternamente desgraçados?* Entretanto, esta é uma pergunta do espírito em resposta a Kardec na questão 131 da obra *O Livro dos Espíritos*. Observamos mais uma vez o pastor desconhecendo a fonte que cita e evidenciamos o completo desleixo no trato com o Espiritismo. Resumindo, pregar que os demônios existem nada mais é o grau que se encontram tais mentes, incapazes de um senso crítico capaz de discernir o fato do mito. Enfim, diante de tudo o que dissemos e já fundamentamos com uma boa exegese bíblica, hermenêutica precisa, uma citação honesta da codificação e reflexões balizadas na lógica, entendemos que o pastor atropelou todo nosso método e citou frases de Kardec, enquanto eram dos espíritos, comprovando assim, o completo desconhecimento da codificação. Diante disso, recomendamos como complemento a esta obra o nosso artigo: [Quem realmente é Satanás, e quem são os demônios?](#) E a outra obra de nosso confrade Paulo Neto: [Satanás, ser ou não ser, eis a questão!](#) Passemos ao subtópico seguinte.

CONCLUSÃO

Procuramos trazer aos leitores uma parte da nossa resposta à obra "*O Espiritismo Kardecista e suas Incoerências*" do Pr Joel Santana, sendo que nossa obra é: ***O Espiritismo e as incoerências de um pastor***. O CACP se utilizou da obra do pastor para publicar em seu site, tendo em vista a sua sistemática em combater a Doutrina Espírita. Aos interessados em conhecer nossa refutação completa, é só clicar ([AQUI](#))



e baixar em nosso site, na ala E-Book's, o conteúdo para apreciação e tirar suas próprias conclusões.

Thiago Toscano Ferrari

Novembro/2021

Referências Bibliográficas:

Bíblia de Jerusalém, nova edição. São Paulo: Paulus, 2002.

KARDEC, A. **A Prece Segundo o Evangelho**. Rio de Janeiro-RJ: FEB, 1944.

KARDEC, A. **O Evangelho Segundo o Espiritismo**. Brasília-DF: FEB, 2019d.

KARDEC, A. **O Livro dos Espíritos**. Brasília-DF: FEB, 2019e.

KARDEC, A. **O que é o Espiritismo**. Brasília-DF: FEB, 2019g.

TANAH, Bíblia Hebraica, São Paulo: Editora e Livraria Sêfer, 2012.

FERRARI. T. T. **A Torá e a Reencarnação**. Vitória-ES. 2021,

<https://apologiaespirita.com.br/a-tora-e-a-reencarnacao/>

FERRARI. T. T. **O Diálogo entre Jesus e Nicodemos**. Vitória-ES. 2016,

<https://apologiaespirita.com.br/o-dialogo-entre-jesus-e-nicodemos/>

FERRARI. T. T. **Quem realmente é Satanás e quem são os demônios?** Vitória-ES. 2013,

<https://apologiaespirita.com.br/quem-realmente-e-satanas-e-quem-sao-os-demonios/>

FERRARI. T. T. **Reencarnação ou Penas Eternas?** Vitória-ES. 2013,

<https://apologiaespirita.com.br/reencarnacao-ou-penas-eternas/>

FERRARI. T. T. **Seremos salvos ou teremos que nos salvar?** Vitória-ES. 2013,

<https://apologiaespirita.com.br/seremos-salvos-ou-teremos-que-nos-salvar/>